

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES: SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
(ORGANIZADOR)

VOL II



EDITORIA
ARTEMIS

2025

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES: SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
(ORGANIZADOR)

VOL II



EDITORAS
ARTEMIS

2025

2025 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2025 Os autores
Copyright da Edição © 2025 Editora Artemis



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M.ª Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M.ª Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Jesús Rivas Gutiérrez
Imagen da Capa	gropgrop/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

- Prof.ª Dr.ª Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México
Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru
Prof.ª Dr.ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.ª Dr.ª Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México
Prof.ª Dr.ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.ª Dr.ª Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México
Prof.ª Dr.ª Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Elio Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste / Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina

Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal*, Canadá
Prof. Dr. Gabriel Diaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg*, Suécia
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México*, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, Universidad de Guadalajara, México
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, Universidad Nacional de Catamarca, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, Saint Petersburg State University, Russia
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, Universidad de León, Espanha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências socialmente aplicáveis e humanidades [livro eletrônico] :
saberes, práticas e horizontes de investigação II / organização de
Jesús Rivas Gutiérrez. – 1. ed. – Curitiba, PR : Editora Artemis,
2025.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-80-2

DOI 10.37572/EdArt_121225802

1. Sustentabilidade – Aspectos sociais. 2. Diversidade cultural.
3. Justiça social – Perspectivas contemporâneas. 4. Transformação digital – Impactos sociais. 5. Humanidades aplicadas – Pesquisa interdisciplinar. I. Gutiérrez, Jesús Rivas.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

PRÓLOGO

El volumen II de **Ciencias Socialmente Aplicables y Humanidades: Saberes, Prácticas y Horizontes de Investigación** reúne en un libro ponencias elaboradas por autores de América Latina, Europa y Asia producto de investigaciones que interpretan y dialogan con algunos de los desafíos más críticos y urgentes del Siglo XXI como lo es las prácticas educativas en contextos diversos, sostenibilidad y calidad de vida, diversidad y justicia social, transformación digital y vida organizacional en donde se refleja una diversidad de enfoques y tradiciones académicas que convergen en una misma dirección: comprender las realidades contemporáneas desde diferentes perspectivas y al mismo tiempo proponer horizontes innovadores y transformadores.

El primer eje, **Educación, Políticas del Conocimiento y Prácticas Formativas**, concentra análisis que problematizan los procesos de enseñanza-aprendizaje, la formación docente, las políticas lingüísticas, los currículos, las metodologías de intervención y las disputas simbólicas en torno a la producción del conocimiento. Este eje reafirma la educación como un campo estratégico para la transformación social y cultural, la emancipación de los sujetos y la construcción de sociedades más justas y democráticas.

El segundo eje, **Sostenibilidad, Territorios y Calidad de Vida**, reúne trabajos que presentan los desafíos y dificultades en las relaciones entre desarrollo, crecimiento, medio ambiente, turismo, productividad, envejecimiento, abandono social y soberanía territorial y alimentaria. Los textos que integran este eje evidencian la centralidad del territorio como espacio de disputa y poder, de pertenencia e identidad, de producción de sentidos y construcción de alternativas sostenibles para la mejora de las condiciones de vida de las poblaciones.

El tercer eje, **Género, Diversidad y Justicia Social**, aborda temas fundamentales relacionados con las desigualdades estructurales que atraviesan, diferencian y dividen a las sociedades contemporáneas. Las reflexiones aquí reunidas enfrentan los prejuicios, las discriminaciones, las interseccionalidades y los mecanismos sutiles de reproducción de las desigualdades, al mismo tiempo que evidencian estrategias de resistencia, reconocimiento y transformación social.

El cuarto eje, **Transformación Digital, Gestión Organizacional e Innovación en Empresas**, reúne contribuciones orientadas a la comprensión de las organizaciones empresariales en contextos complejos, dinámicos y atravesados por la incertidumbre. Este eje articula aspectos sobre gestión, pertenencia e identidad organizacional, cultura institucional, liderazgo, procesos de cambio, clima organizacional e innovación

empresarial e institucional, tanto en el sector privado como en el público, con especial atención a las instituciones educativas y a las organizaciones insertas en entornos de rápida transformación tecnológica.

Al articular estos cuatro ejes, esta obra evidencia la riqueza, la diversidad y la potencialidad de las Ciencias Socialmente Aplicables para interpretar los fenómenos laborales y sociales en su diversidad y complejidad y al mismo tiempo proponer caminos posibles de intervención, innovación y transformación.

Esperamos que estos trabajos contribuyan al fortalecimiento del pensamiento crítico, al diálogo múltiple e interdisciplinario y al avance de la comprensión de las diversas realidades locales, regionales, nacionales y globales, así como al fortalecimiento de mayor numero de investigaciones comprometidas con la educación como práctica trasformadora, con el desarrollo sostenible, la justicia social y la innovación organizacional.

Deseamos al lector una lectura interesante, reflexiva, provocadora e inspiradora.

Jesús Rivas Gutiérrez

SUMÁRIO

EDUCACIÓN, POLÍTICAS DEL CONOCIMIENTO Y PRÁCTICAS FORMATIVAS

CAPÍTULO 1.....1

LA FUNCIÓN DEL DOCENTE DESDE LA RECONSTRUCCIÓN DE ACADÉMICO EN EDUCACIÓN SUPERIOR

Luz Patricia Falcón-Reyes

Víctor Corona-Loera

Blanca Gabriela Pulido-Cervantes

Martha Patricia de la Rosa-Basurto

Emmaluz de León-Moeller

María Guadalupe Zamora-Gutiérrez

José Ricardo Gómez-Bañuelos

Jesús Rivas-Gutiérrez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258021

CAPÍTULO 2.....12

MODELACIÓN Y OPTIMIZACIÓN: PERSPECTIVAS DIDÁCTICAS DESDE LA EDUCACIÓN MATEMÁTICA

Erich Leighton Vallejos

Carmen Cecilia Espinoza Melo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258022

CAPÍTULO 3.....19

PROPUESTA DE METODOLOGÍA DE ANÁLISIS CONVERSACIONAL EN LA INTERVENCIÓN DE PROBLEMAS QUE ENFRENTAN LOS CENTROS EDUCATIVOS: UNA CONSTRUCCIÓN DE SOLUCIONES

Cristian Gabriel Llancaleo Curihuentro

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258023

CAPÍTULO 4.....27

FROM COLONIAL KNOWLEDGE TO POSTCOLONIAL LINGUISTIC CAPITAL: A GENEALOGICAL ANALYSIS OF STATE LANGUAGE POLICY IN NORTH AND SOUTH KOREA

Hyunguk Ryu

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258024

SOSTENIBILIDAD, TERRITORIOS Y CALIDAD DE VIDA

CAPÍTULO 5 52

NARRATIVAS SOBRE LA SUSTENTABILIDAD

Luz María Gutiérrez Hernández

Elena del Carmen Arano Leal

Oscar Manuel López Yza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258025

CAPÍTULO 6 63

FATORES-CHAVE DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE DESTINOS TURÍSTICOS: TERRITÓRIO, PRODUTO, GOVERNANÇA E DMO

Maria do Rosário Campos Mira

Lisete dos Santos Mendes Mónico

Zélia Maria de Jesus Breda

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258026

CAPÍTULO 7 88

PLAN DE NEGOCIO PARA LA PRODUCCIÓN DE ALGINATO DE SODIO A PARTIR DEL APROVECHAMIENTO DEL ALGA "SARGASSUM", EN LAS PLAYAS DE QUINTANA ROO, MÉXICO

Carlos Orozco Álvarez

Saúl Hernández Islas

Mayte Nathalie Cruz Vázquez

Michelle Montserrat Lira Martínez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258027

CAPÍTULO 8 107

QUALITY OF LIFE AND ABANDONMENT: PERCEPTIONS OF OLDER PEOPLE ATTENDING A GERONTOLOGICAL MODULE

Patricia Serrano Ramos

Mayra Fernanda Cahuich Caamal

Daniel Antonio Muñoz González

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258028

CAPÍTULO 9.....119

LA SOBERANÍA ALIMENTARIA Y LA GESTIÓN TERRITORIAL COMO ELEMENTOS QUE PROPICIAN EL TURISMO EN COLOMBIA

Ruben Dario Sossa Alvarez

Maira Andrea Rivero Pinto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1212258029

GÉNERO, DIVERSIDAD Y JUSTICIA SOCIAL

CAPÍTULO 10.....136

EL TEST DE ASOCIACIÓN IMPLÍCITA: UN PARADIGMA QUE PERMITE ABORDAR PREJUICIOS INCONSCIENTES HACIA PAREJAS DEL MISMO SEXO

Yolly Alejandra López Doncel

Laura Sofía Muñoz Rincón

María Paula Ortiz Amortegui

David Ricardo Aguilar Pardo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580210

CAPÍTULO 11.....146

THE BRAZILIAN BLACK FEMINISM AND INTERSECTIONAL STRATEGY IN DIALOGUE WITH DELEUZE'S MOLAR/MOLECULAR DIALECTICS

Yans Sumaryani Dipati

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580211

TRANSFORMACIÓN DIGITAL, GESTIÓN ORGANIZATIVA E INNOVACIÓN EN LAS EMPRESAS

CAPÍTULO 12.....155

FUNDAMENTACIÓN Y LINEAMIENTOS METODOLÓGICOS PARA LA INVESTIGACIÓN EN EMPRESAS

Carlos Andrés Palomeque Forero

Fabiam Eduardo Rojas Navarrete

Nairo Yovany Rodríguez Cabrera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580212

CAPÍTULO 13.....178

DIAGNÓSTICO DE LOS REQUERIMIENTOS TECNOLÓGICOS PARA LA EMPRESA
TRANSPORTADORA TRES ERRES – RRR

Carlos Andrés Palomeque Forero

Fabiam Eduardo Rojas Navarrete

Nairo Yovany Rodríguez Cabrera

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580213

CAPÍTULO 14.....211

ESTUDIO METODOLÓGICO DEL CLIMA ORGANIZACIONAL EN MIPYMES
LATINOAMERICANAS: UN ENFOQUE INTEGRADOR PARA EL CAMBIO E INNOVACIÓN

Roger Manuel Patrón Cortés

Román Alberto Quijano García

Giselle Guillermo Chuc

Fidel Ramón Alcocer Martínez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580214

CAPÍTULO 15.....223

LÍDERES CONSCIENTES: ABORDANDO EL CONFLICTO PARA EL ALTO DESEMPEÑO
EMOCIONAL

Karen Pérez Molina

Verónica Fuenzalida

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580215

CAPÍTULO 16.....235

LA IDENTIDAD ORGANIZACIONAL COMO HERRAMIENTA PARA EL ANÁLISIS
DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS MEXICANAS: UNA APROXIMACIÓN DESDE LA
COMPLEJIDAD

José César López del Castillo

Deyanira Camacho Javier

Roberto Reyes Cornelio

Enoc de la Cruz de Dios

Ileana Alhelí Oney Montalvo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580216

CAPÍTULO 17 246

MÁS ALLÁ DE LA BUROCRACIA: CULTURA, LIDERAZGO Y ACOMPAÑAMIENTO
EN EL CAMBIO DE LA ORGANIZACIÓN ESCOLAR

José César López del Castillo

Minerva Camacho Javier

Roberto Reyes Cornelio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_12122580217

SOBRE O ORGANIZADOR 261**ÍNDICE REMISSIVO 262**

CAPÍTULO 10

EL TEST DE ASOCIACIÓN IMPLÍCITA: UN PARADIGMA QUE PERMITE ABORDAR PREJUICIOS INCONSCIENTES HACIA PAREJAS DEL MISMO SEXO

Data de submissão: 30/08/2025

Data de aceite: 22/09/2025

Yolly Alejandra López Doncel

Universidad Católica de Colombia

<https://orcid.org/0009-0003-3978-720X>

Laura Sofía Muñoz Rincón

Universidad Católica de Colombia

<https://orcid.org/0009-0007-2661-6398>

María Paula Ortiz Amortegui

Universidad Católica de Colombia

<https://orcid.org/0009-0009-5433-1167>

David Ricardo Aguilar Pardo

Universidad Católica de Colombia

<https://orcid.org/0000-0002-2197-1346>

RESUMEN: Se llevó a cabo una investigación con 18 estudiantes universitarios, entre 18 y 20 años, con el objetivo de explorar la relación implícita entre los micromachismos y la homofobia. Los micromachismos se conceptualizaron como comportamientos sutiles y cotidianos que refuerzan el control masculino en contextos de pareja y familia, mientras que la homofobia se definió como una actitud de rechazo o discriminación hacia personas homosexuales. El estudio adoptó un diseño no experimental, transversal y correlacional. Se aplicaron dos instrumentos:

una escala para medir micromachismos y un test de asociación implícita con dos condiciones. En la primera, se pidió a los participantes asociar parejas heterosexuales con términos positivos y parejas homosexuales con términos negativos; en la segunda, estas asociaciones se invirtieron. La variable dependiente fue el tiempo de respuesta ante cada asociación. Los resultados mostraron una correlación significativa entre los niveles de micromachismos y el sesgo negativo hacia parejas del mismo sexo, lo que sugiere que quienes presentan mayores niveles de micromachismo tienden a vincular la homosexualidad con atributos negativos de forma automática. Además, se comprobó que el orden en que se presentaron las condiciones del test no influyó en los resultados, ni en la escala de micromachismos ni en el test de asociación implícita. El estudio evidencia que los micromachismos no solo operan como formas de control en lo cotidiano, sino que también se asocian con prejuicios implícitos hacia la diversidad sexual, lo que refuerza la necesidad de abordar estas prácticas desde una perspectiva crítica y educativa.

PALABRAS CLAVE: micromachismos; homofobia; asociación implícita.

1. INTRODUCCIÓN

En cualquier contexto de la vida cotidiana las personas realizamos evaluaciones favorables o desfavorables sobre

diversas situaciones, individuos, conceptos y objetos. Estas actitudes se aprenden desde la infancia a través de los procesos de socialización y aculturación, y pueden modificarse con el tiempo en función de la experiencia. A lo largo del desarrollo, como parte del proceso cerebral de organización de la información, esta se clasifica y simplifica mediante la creación de modelos mentales de la realidad física y social, con los que se intenta comprender y predecir eventos (Díaz-Lázaro, 2011). En este proceso, inevitablemente surgen generalizaciones sobre grupos de personas a quienes se les atribuyen características falsas, derivadas de información incompleta o directamente errónea. El cerebro, al intentar agrupar a los individuos en categorías, produce representaciones simplificadas de la realidad social que pueden ser compartidas por un grupo cultural, reforzando así prejuicios que perpetúan injusticias y desigualdades hacia otros colectivos (Aboud, 2008).

A lo largo de numerosos momentos de la historia humana, estos prejuicios han sido evidenciados por sus nefastas consecuencias para la convivencia pacífica, lo que ha impulsado transformaciones sociales orientadas a la ampliación de derechos para un número creciente de personas. Actitudes como el machismo, el racismo o el clasismo, que hace apenas una década eran socialmente aceptadas o incluso promovidas, hoy son objeto de cuestionamiento por posturas que las identifican como fuentes de violencia estructural e inequidad. No obstante, la cultura contemporánea continúa impregnada de mensajes que refuerzan dichos prejuicios, dificultando que muchas personas modifiquen sus actitudes hacia quienes pertenecen a otros grupos sociales. Aunque la expresión explícita de ciertos prejuicios puede ser sancionada socialmente en determinados contextos, su persistencia implícita sigue operando en la vida cotidiana.

Este es el caso del machismo y la homofobia, dos actitudes negativas que, lejos de ser fenómenos aislados, están profundamente entrelazadas en sus raíces socioculturales y en sus mecanismos de reproducción simbólica (García-Robles, 2021; Naranjo & Palacios, 2023). Ambas actitudes comparten un núcleo ideológico basado en la jerarquización de los géneros y en la validación exclusiva de la heterosexualidad como norma. Esta intersección revela cómo el rechazo a la diversidad sexual está vinculado a la defensa de un modelo patriarcal que asigna roles rígidos y desiguales a hombres y mujeres. En este sentido, comprender la homofobia implica también analizar las expresiones cotidianas del machismo, especialmente aquellas que operan de manera sutil y que suelen pasar desapercibidas en las dinámicas sociales.

Entendiendo que la orientación sexual se refiere a la atracción erótica o emocional, influenciada por el género, que siente una persona por otra, quienes sienten

atracción por su mismo género son denominadas homosexuales; por el género opuesto, heterosexuales; y por ambos géneros, bisexuales (D'Elio, Sotelo, Santamaría y Recchi, 2016). La homofobia entonces, se entiende como el miedo, rechazo, odio, intolerancia o discriminación hacia las personas homosexuales (Borrillo, 2001). La homofobia conduce a que se trate a las personas homosexuales como inferiores y/o anormales, sustentado en una creencia social sobre la superioridad tanto biológica como moral de la heterosexualidad (Cornejo-Espejo, 2012). Esta visión hegemónica no solo excluye, sino que patologiza la diversidad sexual, generando barreras para el reconocimiento pleno de los derechos de las personas homosexuales.

Los micromachismos, entendidos como conductas sutiles y cotidianas que constituyen mecanismos de control y dominio masculinos en la vida de pareja y familiar (Bonino, 2004), forman parte de este entramado de actitudes que muchas personas tienen dificultades para identificar en sí mismas y en su entorno. A diferencia de las manifestaciones explícitas del machismo, como la violencia física o verbal, los micromachismos operan de manera encubierta, disfrazados de gestos aparentemente inofensivos, prácticas normalizadas o discursos que apelan a la tradición, la protección o la complementariedad de los géneros. Estas conductas pueden incluir desde la toma unilateral de decisiones en el hogar, la desvalorización de las opiniones femeninas, la infantilización de las mujeres, hasta la apropiación del espacio público y simbólico por parte de los varones (Benalcázar-Luna & Venegas, 2017).

Su carácter micro no implica menor impacto, sino una forma más insidiosa de reproducción del orden patriarcal, ya que, al estar naturalizados, los micromachismos tienden a perpetuarse sin generar resistencia consciente. Además, su invisibilidad dificulta que sean reconocidos como formas de violencia simbólica, lo que contribuye a su persistencia incluso en contextos que se consideran progresistas o igualitarios (Torralba-Borrego & Garrido-Hernansaiz, 2021). En este sentido, los micromachismos no solo afectan la dinámica relacional entre hombres y mujeres, sino que también refuerzan esquemas de poder que excluyen otras identidades de género y orientaciones sexuales, como ocurre en el caso de la homofobia.

Tradicionalmente, el estudio de las actitudes ha sido abordado mediante instrumentos psicométricos de autoinforme, los cuales se basan en la capacidad del individuo para identificar y verbalizar sus propias creencias, emociones y disposiciones evaluativas. Si bien estos instrumentos han sido ampliamente utilizados por su facilidad de aplicación y por permitir comparaciones entre grupos, presentan al menos dos limitaciones sustantivas que deben ser consideradas con rigurosidad metodológica.

En primer lugar, diversas investigaciones han demostrado que no siempre es sencillo ser plenamente consciente de las propias opiniones o estados internos. La introspección requiere habilidades metacognitivas específicas como la autorreflexión, la conciencia emocional y la capacidad de monitoreo cognitivo, que no están igualmente desarrolladas en todas las personas (Kleka et al., 2024; Saldaña & Aguilera, 2003). Esto implica que, en muchos casos, lo que se declara en un autoinforme puede no reflejar con precisión las verdaderas actitudes del sujeto, sino más bien una racionalización posterior o una reconstrucción narrativa influida por el contexto.

En segundo lugar, incluso cuando existe un nivel adecuado de conciencia sobre las propias opiniones, estas pueden ser deliberadamente ocultadas o modificadas por el participante debido a la presión social o al deseo de mantener una imagen socialmente aceptable. Este fenómeno, conocido como deseabilidad social, afecta especialmente el reporte de actitudes hacia temas sensibles como el género, la orientación sexual, la raza o la religión. En contextos donde ciertas posturas están sancionadas, aunque sea de forma simbólica, los autoinformes tienden a subestimar la presencia de prejuicios o creencias discriminatorias, lo que limita la validez externa de los resultados obtenidos.

Es precisamente en este punto donde cobra relevancia el concepto de actitudes implícitas entendidas como evaluaciones que ocurren de manera rápida, automática y, en muchos casos, inconsciente. Estas evaluaciones preceden a la formulación verbal consciente y se activan sin necesidad de un procesamiento deliberado. A diferencia de las actitudes explícitas, que pueden ser moduladas por normas sociales o por el deseo de agradar, las actitudes implícitas revelan asociaciones mentales profundamente arraigadas que operan en el plano subyacente del pensamiento (Khalili & Kazemi, 2025; Morris & Kurdi, 2023).

Una de las herramientas más utilizadas para detectar estas asociaciones es el Test de Asociación Implícita (TAI), desarrollado por Greenwald, McGhee y Schwartz (1998). Este instrumento permite medir la fuerza de las asociaciones entre conceptos (por ejemplo, homosexualidad y atributos negativos) y categorías evaluativas (bueno/malo), a través del tiempo de reacción en tareas de categorización. Al evitar la mediación del lenguaje articulado y la deliberación consciente, el TAI ofrece una ventana metodológica para explorar los sesgos cognitivos que pueden influir en la conducta, incluso cuando no son reconocidos por el propio individuo. Así, la incorporación de medidas implícitas en la investigación psicológica permite superar las limitaciones del autoinforme, ofreciendo una aproximación más precisa y menos contaminada por factores sociales o metacognitivos. Esto resulta especialmente pertinente en estudios sobre prejuicios, discriminación y

actitudes de género, donde la discrepancia entre lo que se piensa y lo que se declara puede ser particularmente significativa.

Teniendo en cuenta todo lo anterior, la hipótesis central de esta investigación plantea que existe una asociación implícita significativa entre la presencia de micromachismos y niveles más altos de homofobia implícita, es decir, se espera que aquellas personas que puntúen más alto en la Escala de Micromachismos, desarrollada por Torralba-Borrego y Garrido-Hernansaiz, 2021, también muestren una mayor asociación implícita de características negativas con la homosexualidad en el Test de Asociación Implícita (Greenwald, McGhee y Schwartz, 1998).

2. MÉTODO

2.1. DISEÑO

El presente estudio se desarrolló bajo un enfoque cuantitativo, orientado a identificar relaciones entre variables mediante análisis correlacionales controlados. La muestra estuvo conformada por 18 estudiantes, hombres y mujeres, de la Universidad Católica de Colombia, con edades entre los 18 y 20 años, pertenecientes a distintos programas académicos y semestres. Los criterios de inclusión fueron: estar matriculado en cualquier carrera universitaria de la institución, tener dominio básico de orientación espacial (direcciones como derecha-izquierda y arriba-abajo), y haber otorgado su consentimiento informado para participar en el estudio.

Como criterio de exclusión se consideró la decisión voluntaria de retirarse del estudio posterior a la entrevista inicial, así como la solicitud explícita de no utilizar sus datos en el análisis. El tipo de muestreo empleado fue no probabilístico por conveniencia, dado que los participantes fueron seleccionados en función de su accesibilidad y disposición para colaborar en el momento de la recolección de datos (Lepkowski, et al., 2008). Se utilizó un diseño no experimental, transversal y correlacional, conforme a la clasificación propuesta por Hernández-Sampieri et al. (2014). Este diseño permitió examinar la relación entre las variables micromachismo y homofobia implícita en un único momento temporal, sin manipulación de las condiciones ni intervención directa sobre los participantes.

2.2. INSTRUMENTOS

Escala de Micromachismos: Para evaluar la presencia de micromachismos se aplicó la Escala de Micromachismos desarrollada por Torralba-Borrego y Garrido-Hernansaiz (2021), la cual presenta una alta confiabilidad ($\alpha = 0.92$). El instrumento consta de 29 ítems que exploran diversas manifestaciones de micromachismo, tales

como microexpresiones, microexclusiones, microsilencios y microtomos de poder. Los participantes respondieron cada ítem utilizando una escala tipo Likert de 5 puntos (1 = “nunca”, 5 = “siempre”). El puntaje total se obtiene sumando las respuestas, donde un valor más alto indica una mayor percepción o presencia de micromachismos.

Test de Asociación Implícita (TAI): También se utilizó el Test de Asociación Implícita (Greenwald, McGhee y Schwartz, 1998), adaptado en los laboratorios de Psicología de la Universidad Católica de Colombia (LAPSUCC). Este instrumento permite evaluar asociaciones automáticas entre conceptos sociales y atributos valorativos. Se aplicaron dos condiciones experimentales, a cada participante, en la condición 1 (C1), los participantes asociaron parejas heterosexuales con palabras positivas mientras que en la Condición 2 (C2) los participantes asociaron parejas homosexuales con palabras positivas.

Cada condición incluyó cinco bloques de ensayos. En los primeros bloques, los participantes practicaron la categorización de los conceptos objetivo (parejas heterosexuales vs. homosexuales) y los atributos (palabras positivas vs. negativas) por separado. En los bloques posteriores, se combinaron ambos elementos, de modo que los participantes debían responder rápidamente si el estímulo presentado correspondía a una pareja o a una palabra positiva, según la condición asignada.

2.3. PROCEDIMIENTO

Una vez obtenido el consentimiento informado, se brindó a los participantes toda la información relevante sobre el estudio, incluyendo objetivos, duración, condiciones de participación y tratamiento de los datos, conforme a las pautas éticas del Código Deontológico del Psicólogo en Colombia. La recolección de datos se llevó a cabo en el laboratorio de psicometría de la Universidad Católica de Colombia. Los estudiantes ingresaron de forma individual y aleatoria, y participaron en una sesión de aproximadamente 25 minutos. Primero se aplicó el Test de Asociación Implícita, seguido de la Escala de Micromachismos. El orden de las condiciones para cada participante se determinó de manera aleatoria. Una vez finalizada la recolección, los datos fueron organizados en una base mediante el software estadístico SPSS, con el fin de realizar los análisis correlacionales correspondientes.

2.4. CONSIDERACIONES ÉTICAS

El estudio cumplió con los principios éticos establecidos en el Código Deontológico del Psicólogo en Colombia. Se garantizó la voluntariedad de la participación,

la confidencialidad de los datos, el respeto por la autonomía de los participantes y la transparencia en el uso de la información recolectada. El consentimiento informado incluyó detalles sobre el propósito del estudio, los procedimientos, el tiempo estimado de participación y el manejo de los datos personales.

3. RESULTADOS

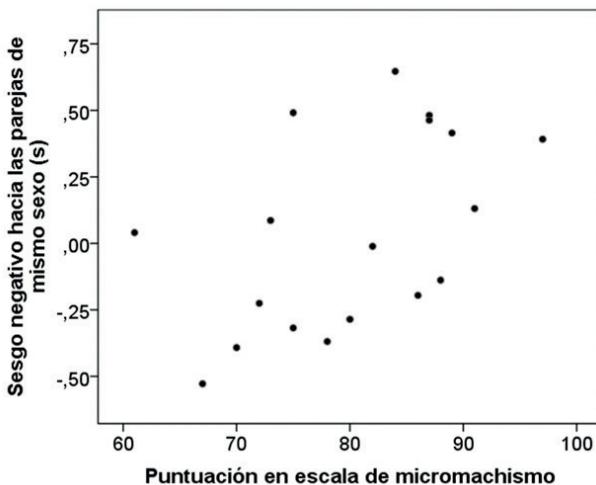
La tabla 1 muestra los resultados de la prueba de normalidad para las variables del estudio, el Test de Asociación implícita y la escala de micromachismos, cumpliendo ambas los criterios de normalidad. Consecuentemente se usó la correlación de Pearson para estimar la asociación entre estas dos variables.

Tabla 1. Resultados de la prueba Shapiro-Wilk de normalidad.

Shapiro-Wilk	Estadístico	gl.	Sig.
Test de asociación implícita.	,932	18	,207
Escala de micromachismos	,979	18	,942

Una correlación de Pearson mostró que efectivamente existe una asociación entre estas dos variables ($r^2 = 0.27$; $p = 0.032$) ver Fig. 1.

Gráfica 1. Resultados correlación de Pearson.



Finalmente, se compararon los resultados entre las condiciones aplicadas C1 y C2, por lo cual se realiza la prueba de W de Wilcoxon, en la cual no se encontraron diferencias en los resultados obtenidos en la escala de micromachismos ($Z = -0,141$; $p = 0.888$) ni en

el test de asociación implícita ($Z = -0,937; p = 0,349$). Esto nos lleva a concluir que el tener dos condiciones no afecta el análisis de los resultados.

4. DISCUSIÓN

El presente estudio se propuso explorar la relación entre la expresión de micromachismos y el prejuicio implícito hacia parejas del mismo sexo. Los resultados obtenidos permiten confirmar la hipótesis planteada de que existe una asociación significativa entre los niveles de micromachismo y la homofobia implícita en estudiantes universitarios. La correlación de Pearson ($r = 0.506$) indica una relación moderada y positiva entre ambas variables, lo que sugiere que los estudiantes que presentan mayores niveles de micromachismos también tienden a activar asociaciones negativas hacia la homosexualidad de forma automática e inconsciente. Este hallazgo es coherente con la literatura que señala que el machismo y la homofobia no son fenómenos aislados, sino que comparten una raíz ideológica común basada en la jerarquización de los géneros y la validación exclusiva de la heterosexualidad como norma (García-Robles, 2021; Naranjo & Palacios, 2023). Los micromachismos, al operar como mecanismos sutiles de control y dominación, refuerzan esquemas de poder que excluyen otras identidades sexuales y de género, incluso en contextos donde se espera mayor apertura como el universitario.

La ausencia de diferencias significativas entre las condiciones experimentales del Test de Asociación Implícita (TAI), según la prueba de Wilcoxon ($p > .05$), indica que la manipulación de las condiciones no afectó la activación de las asociaciones implícitas. Esto refuerza la robustez del instrumento y su capacidad para captar sesgos cognitivos automáticos, independientemente del orden de presentación. Además, la normalidad en la distribución de los datos, verificada mediante la prueba de Shapiro-Wilk, permitió aplicar análisis paramétricos con mayor precisión.

A pesar de que el tamaño muestral fue relativamente pequeño ($N = 18$), este fue suficiente para detectar una relación significativa entre las variables estudiadas, lo que sugiere que el efecto observado tiene una magnitud relevante incluso en grupos reducidos.

Esta decisión metodológica responde a las condiciones específicas del estudio, que implicaron la aplicación individual de pruebas en laboratorio, con tiempos controlados y procedimientos personalizados. La logística de llevar a cada participante de forma uno a uno al laboratorio, garantizar la calidad de la aplicación y preservar las condiciones éticas del consentimiento informado, limitó la posibilidad de ampliar la muestra sin comprometer la rigurosidad del diseño. En este sentido, el estudio privilegió la profundidad y el control experimental sobre la amplitud muestral, lo cual es coherente

con investigaciones exploratorias que buscan establecer relaciones preliminares entre variables psicológicas complejas.

Desde una perspectiva metodológica, el uso combinado de medidas explícitas (Escala de Micromachismos) e implícitas (TAI) permitió una aproximación más integral al fenómeno estudiado. Mientras que los autoinformes pueden estar influenciados por la deseabilidad social o por limitaciones metacognitivas (Castro et al., 2021), las medidas implícitas revelan asociaciones mentales profundamente arraigadas que operan en el plano subyacente del pensamiento (Polychroni et al., 2025). Esta complementariedad metodológica fortalece la validez de los hallazgos y aporta evidencia empírica sobre la persistencia de prejuicios en jóvenes universitarios.

En términos institucionales, estos resultados tienen implicaciones relevantes para el diseño de estrategias de formación y sensibilización en equidad de género y diversidad sexual. La presencia de micromachismos y homofobia implícita en estudiantes de diferentes programas académicos sugiere que estas actitudes no están restringidas a ciertos perfiles, sino que forman parte de un entramado cultural más amplio que debe ser abordado desde la educación superior. La universidad, como espacio de construcción crítica, tiene el potencial de promover entornos más inclusivos si reconoce que las actitudes discriminatorias no siempre son evidentes, pero sí influyentes.

Finalmente, este estudio abre nuevas líneas de investigación que podrían explorar la evolución de estas actitudes a lo largo del ciclo universitario, su relación con variables como el género, la formación profesional o la participación en espacios de activismo, así como el impacto de intervenciones pedagógicas orientadas a la transformación de prejuicios implícitos.

REFERENCIAS

- Aboud, F. E. (2008). A social-cognitive developmental theory of prejudice. In S. M. Quintana & C. McKown (Eds.), *Handbook of race, racism, and the developing child* (pp. 55–71). Wiley.
- Benalcázar-Luna, M., & Venegas, G. (2017). Micromachismo: manifestación de violencia simbólica. *UTCiencia*, 2(3), 140–149.
- Bonino, L. (2004). Los micromachismos. *La Cibeles*, 2, 1–6. <https://www.luisbonino.com/pdf/Los%20Micromachismos.pdf>
- Borrillo, D. (2001). *Homofobia*. Edicions Bellaterra. https://www.edicionsbellaterra.com/es/libro/homofobia_9788472904644.html
- Castro, J. A., Hernández-Pozo, M. D. R., & Barahona Torres, I. (2021). Metacognición y autodeterminación, impulsividad e inteligencia emocional, y su relación con indicadores de bienestar y salud en adultos jóvenes. *Interacciones*, 7, e216.

Cornejo-Espejo, J. (2012). Componentes ideológicos de la homofobia. *Límite. Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología*, 7(26), 85–106.

D'Elio, F., Sotelo, J., Santamaría, C., & Recchi, J. (2016). *Guía básica sobre diversidad sexual*. Ministerio de Salud de la Nación Argentina. <https://bancos.salud.gob.ar/recurso/guia-basica-sobre-diversidad-sexual>

García Robles, M. A. (2021). De la homofobia, la misoginia y el machismo a la inclusión en la masonería mexicana. *Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña*, 13(1), 46–68.

Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(6), 1464–1480. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.6.1464>

Khalili, M., & Kazemi, A. (2025). Entity realism about implicit attitudes. *Topoi*, 1–12.

Kleka, P., Brycz, H., Zięba, M., & Fanslau, A. (2024). Longitudinal study of metacognition's role in self-efficacy and hope development. *Scientific Reports*, 14(1), 29379.

Lepkowski, J. M., Tucker, C., & Brick, J. M. (2008). Advances in telephone survey methodology. In E. de Leeuw, L. Japec, P. J. Lavrakas, M. W. Link, & R. L. Sangster (Eds.), *Advances in telephone survey methodology* (pp. 1–16). Wiley.

Morris, A., & Kurdi, B. (2023). Awareness of implicit attitudes: Large-scale investigations of mechanism and scope. *Journal of Experimental Psychology: General*, 152(12), 3311.

Naranjo Guiracocha, D. E., & Palacios Carpio, F. P. (2023). La relación de la homofobia y el machismo en la aceptación del uso del lenguaje inclusivo en cuanto al género (Bachelor's thesis, Universidad del Azuay).

Polychroni, N., Konishi, M., Steinecker, I., & Terhune, D. B. (2025). Introspective access or retrospective inference? Mind-wandering reports are shaped by performance feedback. *Psychological Science*, 36(7), 545–558.

Saldaña, D., & Aguilera, A. (2003). La evaluación de los procesos metacognitivos: Estrategias y problemática actuales. *Estudios de Psicología*, 24(2), 189–204.

Torralba-Borrego, E. D., & Garrido-Hernansaiz, H. (2021). Desarrollo y validación de la Escala de Micromachismos. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 8(1), 68–77. <https://www.revistapcna.com/sites/default/files/08-3.pdf>

SOBRE O ORGANIZADOR

Jesús Rivas Gutiérrez: Pregrado: Licenciatura en Odontología, egresado de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Diplomado en Investigación Educativa en la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Especialidad: Docencia Superior por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Maestría en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Doctor en Ciencias de la Educación por la Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO). Docente de base de tiempo completo por más de 35 años en la Universidad Autónoma de Zacatecas en la Unidad Académica de Odontología y la Unidad Académica de Docencia Superior (UAO/UAZ – UADS/UAZ). Docente invitado en la Maestría en Docencia e Investigación Jurídica de la Unidad Académica de Derecho de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAD/UAZ). Docente invitado en el Doctorado de Farmacología de la Unidad Académica de Medicina Humana de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAMH/UAZ). Ponente en eventos académicos locales, regionales, nacionales e internacionales con temáticas sobre odontología, educación, enseñanza-aprendizaje, práctica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluaciones y reestructuraciones curriculares entre otros temas. Autor de diversos libros, capítulos de libro y artículos en revistas nacionales e internacionales sobre odontología, educación, enseñanza-aprendizaje, práctica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluaciones y reestructuraciones curriculares entre otros temas. Director de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2008-2012. Responsable Académico de la Licenciatura de Médico Cirujano Dentista de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2004-2008. Coordinador de Acreditaciones de la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas, periodo 2016-2021.

<https://orcid.org/0000-0001-7223-4437>

ÍNDICE REMISSIVO

A

- Abandonment 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117
Alginato 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 104, 105, 106
Aprendizaje 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 22, 155, 178, 182, 184, 188, 215, 223, 225, 226, 228, 229, 231, 232, 247, 248, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 258
Asociación implícita 136, 139, 140, 141, 142, 143

B

- Black Women's Movement 146, 150, 151, 152

C

- Cambio 15, 16, 18, 53, 57, 58, 60, 62, 122, 130, 132, 160, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 185, 188, 190, 198, 199, 201, 206, 211, 213, 214, 215, 216, 220, 221, 223, 233, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259, 260
Cliente 155, 158, 162, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210
Clima organizacional 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222
Competencia social 223, 225
Complejidad 189, 217, 235, 236, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 247, 250, 255, 256, 257, 259
Consumidor 179, 183
Cuestionario en línea (Google Forms) 52
Cultura institucional 246, 256, 257, 258

D

- Decoloniality 27
Desafíos de los centros educativos 19
Destinos turísticos 63, 64, 86
DMO 63, 64, 66, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 81

E

- Educación emocional 223, 224, 225, 226, 229, 230, 232, 233, 234

Educación Matemática 12, 13, 18
Enseñanza 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 14, 16, 17, 18, 22, 55
Epistemología histórica 156, 160, 163, 176
Epistemología Histórica 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 175, 176, 178, 180
Estructura organizativa 246, 247, 248, 249, 257, 258
Estudiantes universitarios (pedagogía) 52

F

Formación del profesorado 12

G

Genealogy 27, 29, 30, 31
Gestión de conflictos 223, 228, 257
Gestión territorial 119, 122, 124, 125, 130, 131, 132, 133
Governança 28, 63, 64

H

Health center 107, 108
History of language policy 27
Homofobia 136, 137, 138, 140, 143, 144, 145

I

Identidad organizacional 235, 236, 237, 238, 239, 240, 244
Innovación 19, 131, 155, 158, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 179, 189, 195, 203, 204, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 220, 221, 223, 224, 226, 228, 233, 246, 248, 249, 253, 254, 255, 256, 258
Internacionalização 63, 64, 86
Investigación 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 26, 55, 56, 60, 92, 119, 121, 122, 125, 129, 134, 136, 139, 140, 144, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 215, 219, 221, 236, 237, 244, 245, 246, 251, 252, 255, 258, 259

L

Liderazgo educativo 246
Linguistic capital 27, 30

M

- Matriz de actuaciones pertinentes 19, 24, 25
Matriz de diseño de relaciones virtuosas 19, 24, 25
Matriz de estructuración conversacional del trasfondo de injerencia 19, 23, 24, 25
Método de redes conversacionales 19, 26
Metodología 2, 13, 19, 22, 23, 25, 56, 119, 130, 157, 159, 165, 166, 176, 178, 179, 181, 190, 191, 192, 211, 212, 216, 219, 221, 223, 226, 232, 237, 248, 257
Microempresa 88, 89
Micromachismos 136, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145
Mipymes 199, 210, 211, 212, 215, 216, 218, 220, 221, 222
Modelação de equações estruturais 63, 64
Modelación matemática 12, 13, 14, 18
Molar 146, 151, 152
Molecular 90, 146, 151, 152, 154, 160, 161

O

- Older people 107, 113
Optimización 12, 13, 14, 15, 16, 17

P

- Participación comunitaria 52, 119, 132
Perceptions 82, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151, 152
Power/knowledge 27
PYMES 156, 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 175, 177, 179, 180, 189, 190, 199, 210

Q

- Quality of life 81, 82, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117

R

- Rentabilidad 54, 89, 92
Responsabilidad/conciencia ecológica 52

S

- Sargazo 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 104, 105, 106
Soberanía alimentaria 119, 120, 122, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 134

Social 17, 18, 22, 27, 28, 34, 35, 36, 43, 44, 45, 48, 50, 51, 55, 58, 60, 62, 67, 69, 73, 82, 85, 87, 92, 94, 104, 107, 108, 109, 110, 114, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 137, 138, 139, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 157, 158, 159, 184, 191, 212, 215, 221, 223, 225, 235, 236, 237, 239, 243, 244, 249, 250, 252, 259

Sostenibilidad 52, 119, 127, 132, 168, 249, 256

Sustentable 56, 61, 89

T

Transformación digital 155, 156, 159, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 188, 190, 210, 247

Turismo rural 119, 126, 127, 128, 131, 133, 134

U

Universidades públicas 235, 236, 237, 239, 240, 243, 244



**EDITORAS
ARTEMIS**

2025